

XXIX Encontro anual da ANPOCS

25 a 29 de outubro de 2005-08-29

GT 08 – FORÇAS ARMADAS, ESTADO E SOCIEDADE.

Homens e Mulheres: Identidade Militar

Autora: Emilia Emi Takahashi

GT 08 – Forças Armadas, Estado e Sociedade.

Sessão 3 – Educação e recrutamento militar

Trabalho: Homens e Mulheres: identidade militar

Emilia Emi Takahashi¹

Resumo: Os estudos sobre o processo de socialização de cadetes das Academias das Forças Armadas privilegiam uma perspectiva institucional e permitem também uma compreensão maior dos atores inseridos neste campo. Inspirado na pesquisa pioneira de Celso Castro sobre o processo de formação do espírito militar de cadetes da AMAN e apoiado em uma pesquisa ampla sobre a formação da identidade militar, este trabalho versa sobre o processo de socialização que os/as cadetes vivenciam na Academia da Força Aérea. Sob o enfoque da Psicologia Social, buscamos identificar, a partir das interpretações que os cadetes fazem de si mesmo, dos outros e da Academia, os eventos, crenças, atitudes e estruturas que se destacam no processo de formação da identidade militar de homens e mulheres.

A idéia deste trabalho começou como uma tentativa de resumir uma pesquisa² sobre o processo de formação de identidade em uma instituição militar pioneira em admitir mulheres. Contudo, se converteu em uma oportunidade para discutir algumas possibilidades de análise do processo de socialização que ocorre em uma instituição militar, a partir do enfoque da Psicologia Social. E é este seu principal propósito, partindo de algumas questões levantadas neste campo da Psicologia, mais próximo da Sociologia, Antropologia e outras Ciências Sociais, discutimos algumas possibilidades de compreensão da formação de cadetes em uma Academia que forma homens e mulheres.

A pesquisa realizada na AFA foi inspirada e motivada inicialmente pela participação da pesquisadora na instituição estudada, e pelo estudo pioneiro de Celso Castro sobre a formação do cadete da AMAN (1990). Considerando a dificuldade que existe aos pesquisadores de obterem acesso às instituições militares, o fato de pertencer

¹ Psicóloga, doutora em Educação, professora da Academia da Força Aérea – AFA e pesquisadora convidada do Núcleo de Psicologia Política da PUC/SP.

² Trata-se da tese de doutorado da autora, *Homens e Mulheres em Campo – um estudo sobre a formação da identidade militar*. Faculdade de Educação, UNICAMP, 2002.

ao quadro de professores (civis) da Academia, permitiu o contato com os oficiais superiores - indispensável para a realização de uma pesquisa em seu interior.

Antes de expor as etapas e peculiaridades do processo de socialização que os/as cadetes vivenciam na AFA, é necessário esclarecer que a formação de oficiais nesta instituição sofreu modificações que ainda estão em andamento. Em 2003, as mulheres ingressaram no Curso de Formação de Oficiais Aviadores - antes elas podiam ingressar apenas no Curso de Intendência – e em 2004 houve a implantação do Curso de Administração, que passou a ser desenvolvido concomitantemente aos Cursos de Formação de Oficiais. As primeiras turmas de mulheres aviadoras e de oficiais administradores ainda não se formaram, portanto, torna-se prematuro, neste trabalho, tecer algum comentário mais profundo acerca das alterações ocorridas na formação dos cadetes.

Nosso ponto de partida será explicitar algumas questões atuais levantadas no campo da Psicologia Social no Brasil recentemente, que o aproxima dos campos conceituais que tradicionalmente estudam o processo de socialização. Em seguida, apresentamos uma interpretação sobre o processo de formação, bem como as representações dos/as cadetes acerca da vivência na Academia, com o objetivo de explicitar os eventos, crenças, atitudes e estruturas que se destacam no processo de formação da identidade militar e contribuem para uma compreensão maior deste campo de conhecimento.

Bases para um enfoque psicossocial

O grande problema das abordagens psicológicas nas questões sociais segundo a maioria dos pesquisadores das Ciências Sociais, seria a sua tradição biológica que considera o indivíduo como um organismo que interage no meio físico. No campo da Psicologia Social, especialmente no Brasil, as críticas às metodologias e conceitos estreitos que consideram uma pessoa de cada vez iniciaram na década de 80 (Lane, 1984), e contribuem para o reconhecimento do caráter político dos fenômenos psicológicos e para a transformação das formas de produção de conhecimento. Ao não considerar a condição histórico-social do homem, as análises psicológicas incorrem no risco de uma visão distorcida e ideologizada do comportamento.

Durante muito tempo, a psicologia social tratou a identidade com base em perspectivas mais individualistas que consideravam o indivíduo e a sociedade como esferas autônomas, atribuindo ao indivíduo o pólo central da construção da identidade.

Na análise de Jurberg (2000) os anos 80 assinalam uma ruptura com estes paradigmas tradicionais, quando a psicologia social passou a considerar teorias oriundas principalmente da Antropologia e da Sociologia³.

Segundo Berger e Luckmann (1974), o processo de socialização, realiza-se sempre no contexto de uma estrutura social específica. As implicações resultantes deste processo são afetadas tanto pela realidade objetiva quanto pela subjetiva e geram conseqüências sociais estruturais.

É justamente sobre esta articulação entre instituição e construção da subjetividade que empreendem os autores, que consideramos a base psicossocial deste trabalho, em vista das possibilidades que ela aponta para o uso do termo “identidade” que estão sendo feitos no campo da Psicologia.

A noção de identidade pressupõe a atividade e a relação do indivíduo com os outros e se num momento ela pode ser utilizada para diferenciar e distinguir uma pessoa das outras, no outro ela pode unir, confundir, igualar uma pessoa com as outras. Uma identidade pessoal, ao mesmo tempo em que torna um indivíduo único e diferente dos outros com os quais se relaciona, ao assumir diferentes papéis, também lhe permite perceber semelhanças com os outros através das comparações sociais que vier a fazer.

A proposta de Castro (1990) sobre o estudo da construção do “espírito militar” também parte do processo de socialização como elemento articulador entre mundo institucional e subjetividade, e considera a comparação entre grupos ou categorias, combinando mecanismos de separação e unificação que permitem a delimitação de fronteiras simbólicas essenciais para a construção das identidades sociais.

Longe de constituir um traço estático do ser, consideramos a identidade, neste trabalho, a partir do enfoque psicossocial, como o resultado da articulação dinâmica entre a diferença e a igualdade, situacional, relacional e sem cair na armadilha das esferas autônomas ou da limitação aos fatores biológicos em seus estudos sobre a identidade.

Este enfoque psicossocial, segundo Sandoval (2000), não pressupõe a fragmentação entre aspectos psicológicos e sociológicos, pelo contrário, tende a um enfoque integrado que analisa os fatores e os processos sociais que determinam as formas e os motivos das pessoas agirem. É neste sentido que consideramos a

³ Jurberg aponta que o resgate de autores como Simmel, Berger e Luckmann possibilitou à psicologia social a superação da antinomia indivíduo X sociedade e por conseguinte, uma explicação dinâmica da identidade.

contribuição de um enfoque psicossocial para o avanço de estudos sobre o processo de formação de identidade social.

Neste ponto deixamos claro nosso posicionamento em favor de um estudo que considere o aspecto dinâmico acerca dos fenômenos psicossociais, que passou a ver o homem como sujeito e objeto de sua própria história, que se encontra sempre em movimento, construindo e construindo-se.

Socialização Militar

Em termos estruturais, a Academia se apresenta nos moldes da clássica descrição de Weber sobre as instituições militares - embasadas predominantemente em uma administração burocrática e orientada por um conjunto de normas e regras – Boletins Doutrinários, Normas Padrões de Ação, Regulamentos, Estatuto dos Militares – que dentre outras, determinam os direitos e deveres de cada um.

Como Castro (1990), entendemos que a identidade militar não é um traço estático, mas sim é constituída a partir de um sistema que é ao mesmo tempo homogeneizador e segmentário, e em relação ao qual se define o valor de cada uma das múltiplas identidades. Através do estudo realizado por Castro é possível situar o debate sobre a identidade em termos de processo e contrastividade, sem se basear em esquemas interpretativos fixos e imutáveis.

Na Academia, em termos de socialização profissional, destacam-se o Corpo de Cadetes da Aeronáutica e a Divisão de Ensino, com oficiais comandantes dos Esquadrões (turmas), instrutores militares e professores civis. O ensino é dividido em “geral”, que visa dar ao cadete um embasamento cultural necessário para o prosseguimento na carreira, “militar”, que compreende os procedimentos militares comuns aos três quadros, e “técnico-especializado”, que prioriza o conhecimento técnico necessário para a atuação dentro do Quadro escolhido.

O Quadro da Aviação é considerado a "atividade-fim" da Força, o cadete-aviador precisa desenvolver as qualidades de pilotos militares, dominando o avião em manobras de precisão, acrobacias, vôos de formatura e vôo por instrumentos, com vistas à preparação em futuras operações bélicas. Atualmente o cadete-aviador inicia o vôo no segundo ano, voando 75 horas na aeronave T-25 "Universal", voltando a voar no quarto ano na aeronave T-27 "Tucano" por 125 horas.

O Quadro de Intendência é responsável pela máquina administrativa e burocrática da Força, o cadete-intendente é o mais envolvido com as atividades

acadêmicas, principalmente nas áreas da administração, suprimentos e serviços. Desenvolvem atividades relacionadas à ciência e tecnologia da gestão econômico-financeira e se preparam para cuidar da parte administrativa da Força e para as tarefas exigidas em combate de superfície integradas ao sistema logístico. Este foi o primeiro Curso de Formação de Oficiais da AFA aberto à participação da mulher em 1996.

O Quadro de Infantaria da Aeronáutica é o mais "moderno" da Academia, os cadetes Infantes estudam métodos de defesa e segurança das instalações militares, emprego de defesa antiaérea de aeródromos e pontos sensíveis, comando de frações de tropas e de contra-incêndio, legislação militar, emprego de armamentos, serviço militar e mobilização. Este é o único Quadro na AFA, restrito à participação dos homens.

Os cadetes são classificados através da média entre os conceitos (notas) obtidos nas disciplinas da Divisão de Ensino - que revelam o “desempenho acadêmico” – e os conceitos obtidos pelas avaliações dos oficiais do Corpo de Cadetes – que revelam o “desempenho militar”. O “desempenho militar” depende da conduta dos cadetes em termos da aproximação ao perfil que se espera do profissional militar que se forma na Academia que se aproxima daquela lista de capacidade e valores apresentada no capítulo teórico, que avalia se o cadete se apresenta no "padrão", cooperando com os demais, "vibrando" ao executar as atividades impostas. Os cadetes são constantemente avaliados pelos colegas, oficiais e professores através das fichas de observação.

Na lista de classificação destaca-se a posição de “cadete 01”, trata-se da posição mais disputada e cobiçada visto que revelam os cadetes considerados “notáveis” entre os cadetes de mesmo curso, de mesmo esquadrão e quando chegam ao 4º ano, entre todos os cadetes pois somente os melhores classificados podem ocupar posições no Estado Maior do Corpo de Cadetes.

Além da classificação individual por notas, há uma classificação que independe do mérito, a classificação por “antigüidade”, esta classificação é regulamentada através de uma Norma Regulamentar que, entre outras, versa sobre a situação militar do cadete e estabelece que a precedência hierárquica entre os cadetes baseia-se na ordenação decrescente dos cursos. De acordo com esta norma, os cadetes do 4º ano são mais antigos do que os do 3º, que são mais antigos que os do 2º que por sua vez são mais antigos que os do 1º ano. Em segundo lugar, estabelece que dentro do mesmo Quadro, a antigüidade é dada pela média da classificação geral obtida nas séries anteriores e pela classificação obtida no processo seletivo para os cadetes do 1º ano. O terceiro ponto

estabelecido pela Norma trata da antiguidade entre os cursos e estabelece que os cadetes aviadores são mais antigos que os intendentes da mesma série, e estes, são mais antigos que os cadetes de Infantaria. Neste caso, não se trata da classificação produzida pelo mérito, mas sim de um mecanismo legal que garante a precedência hierárquica de um Quadro sobre o outro.

Pela estrutura de comando entre os cadetes, a classificação entre eles é muito importante, ela define não apenas os cadetes que farão parte desta estrutura, mas também a possibilidade de escolha das unidades que intendentes e infantas deverão servir após a Academia. No caso dos aviadores, o que define a possibilidade de escolha é a classificação obtida no último ano de instrução aérea, somente os melhores classificados podem escolher a especialização (caça, helicóptero, transporte...) pretendida.

Durante o processo de formação na Academia, os cadetes podem vivenciar vários papéis, dependendo da situação, por exemplo, um cadete aviador do primeiro ano pode ser mais antigo do que seu companheiro de turma intendente, mas ambos são mais modernos perante os cadetes das demais turmas ou ambos são mais antigos perante os cadetes de infantaria de sua turma. Ou então, uma cadete intendente do segundo ano pode ser mais moderna que um cadete aviador de sua turma, porém, será mais antiga perante os cadetes de infantaria de sua turma e perante todos os cadetes do primeiro ano.

Há casos em que o *status* dos cadetes independe da antiguidade dos Quadros, eles podem vivenciar papéis no decorrer de sua formação na Academia, de acordo com o sentimento de pertença a determinados grupos – esquadrão, Quadros, equipes esportivas, mulheres, Estado Maior, Cadeia de Comando, Conselho de Honra, Sociedade dos Cadetes, grupo de teatro, de vôo a vela, bandas, etc., com as características próprias – filhos de militares, religião, gênero, classe social, etc., mas também segundo a posição que ocupam em determinadas situações.

EAD – Estágio de Adaptação

Quando chegam à Academia, os cadetes vivem o período de Adaptação – EAD – geralmente de 40 dias, em que são considerados todos “iguais”, independente dos marcadores sociais que anteriormente o identificavam como família, classe social, região geográfica, gênero, raça ou credo religioso entre outros. Neste período, a obediências às regras é o elemento mais enfatizado, todos devem “pagar” (pelas falhas)

em conjunto, todos devem apresentar-se como iguais nas atividades propostas, todos devem ser tratados igualmente.

Os estagiários são divididos em grupos de 7 a 10 “liderados” ou “elementos”, comandados por cadetes do 3º ano denominados “líderes de elemento”, todos os elementos são agrupados em “esquadrilhas” – turmas de aula, grupo de aproximadamente 60 pessoas comandados por cadetes do 4º ano denominados “líderes de esquadrilha” e por fim, todas as “esquadrilhas” são agrupadas em um único “esquadrão”- série - que é comandado por um cadete do 4º ano denominado “líder de esquadrão”. Os líderes de elemento, de esquadrilha e de esquadrão de cada série trabalham em conjunto com os outros líderes da Cadeia de Comando dos Cadetes e todos eles estão sob o comando dos oficiais do Corpo de Cadetes. Cada esquadrão é comandado por dois tenentes e um capitão que são comandados por um oficial major-aviador. Todos os oficiais que comandam os quatro esquadrões são comandados pelo comando do Corpo de Cadetes, representado pelo subcomandante – um tenente-coronel-aviador e pelo comandante – um coronel-aviador.

As atividades dos estagiários são orientadas, acompanhadas e comandadas pelos cadetes da Cadeia de Comando (cadetes do 3º e 4º anos) e pelos oficiais que compõem o comando do 1º ano. Dependendo do comando do esquadrão, durante o EAD, mesmo os cadetes que possuem condições financeiras para pagar pelos serviços de lavanderia, de cantina ou qualquer outro que represente um aspecto de desigualdade de condições entre os cadetes são vetados de utilizarem estes serviços e devem fazer como todos os outros, lavando suas próprias roupas, se restringindo ao rancho dos cadetes para fazerem as refeições, e utilizando-se apenas dos serviços prestados a todos os cadetes.

Em geral, o comando do 1º esquadrão mistura propositalmente pessoas de diferentes Quadros nos apartamentos, constituindo grupos bem heterogêneos. Neste período, os estagiários têm de escolher entre “pegar ou largar” a carreira militar e precisam se submeter à uma nova, dura e exaustiva realidade:

Prá mim a chegada aqui já foi marcante porque vieram umas oito pessoas da minha família comigo me trazer aqui (risos), aí o cara que me recebeu já disse: -pegue a sua roupa e vamos ao cadete de dia. E o cadete de dia: - o seu nome de guerra é tal, o seu apartamento é tal, seu armário é tal, sua cama é tal, gravou? E eu não sabia nem mais qual era o meu nome! Aí eu, meu Deus do céu! Aí já fui prá barbearia e o cara raspou a minha cabeça, já abalou o meu “psicológico”, e a minha mãe olhando e ia começar a chorar e eu: “- é bom ela chorar que eu não posso chorar.” Aí eu me despedi dos meus pais e depois fui correndo colocar a camiseta branca, a calça jeans e nunca soube o que era um “sentido”, o que era um “descansar”, porque

não tinha nenhum militar que eu conhecia. Aí no primeiro dia eu pensei: “- ah, eu vou agüentar aqui, depois eu ligo prá minha mãe, ela me puxa e eu vou embora. Se o cara começar a forçar muito...” Aí a minha família foi embora e eu pensei: ah, tá bom, não vou voltar na primeira semana prá casa não. E aí eu fui agüentando, os caras gritando e eu sem entender muitas coisas, aprendendo muitas coisas, o que ajudou muito era saber que você estava em estado de igualdade com os outros, independente de quem era rico, de quem era pobre, todo mundo tava na mesma situação e todo mundo, principalmente do meu quarto, todo mundo se ajudava ali. Foi uma coisa muito positiva, principalmente nas primeiras semanas. E eu acordava todos os dias dizendo assim: “- eu vou embora disso aqui, porque eu não sirvo prá ser piloto se prá ser piloto tem que ser militar e passar por isso tudo.” O pior não era ouvir as pessoas gritando, mas eu achava que não podia confiar naquelas pessoas, nos cadetes do quarto ano, prá mim, eles não tinham sentimento nenhum, eu achava que eles eram pessoas de pedra, e a rotina que era de 6 às 10 da noite e sem final de semana, o domingo a gente era liberado duas horas prá lavar a roupa e a gente ficava mais cansado ainda. Tinha lavanderia mas a quantidade de roupa que a gente recebia, não dava, talvez seja certo, prô cara aprender que não pode contar com lavanderia, com mamãe lavando roupa... eu reclamava muito, mas hoje eu vejo que é um ponto muito positivo o cara ter que aprender a se virar. A gente lavava roupa na pia onde a gente escovava os dentes, e eu nunca tinha lavado roupa na minha vida! Eu nunca tinha passado roupa!

Eu sempre pratiquei esporte mesmo antes de vir aqui, mas era muito puxado, a gente ficava muito cansado, no início. Prá senhora ter uma idéia do EIBM, se eu engravidasse e tivesse um filho não seria tão assustador como foi o EIBM prá mim (risos). (Cad. Av.)*

** Na época do depoimento, o EAD era denominado EIBM – Estágio de Instrução Básica Militar.*

Os cadetes se referem ao período de EAD como o “mais puxado”, quando “não há tempo pra nada”, em que são exaustivamente testados em sua capacidade física, pressionados em termos “psicológicos”, observados e sempre acompanhados pela Cadeia de Comando dos Cadetes. No EAD os horários dos estagiários são rigidamente controlados, as atividades programadas pelos comandos ocupam o horário das 6:00 às 22:00 horas, os telefonemas para casa podem ser efetuados à noite e são muito disputados, quase não havendo a possibilidade de longas durações. Os licenciamentos são vetados neste período e os cadetes continuam em atividade inclusive nos finais de semana.

Para os oficiais, o EAD constitui um período de provações em que o futuro cadete deve demonstrar “aptidão” ou “vocaçãõ” para a vida militar, caso haja desistência de candidatos nas duas primeiras semanas, ainda há a possibilidade de substituição por candidatos da lista de espera.

As atividades dos estagiários constituem basicamente em aulas de exercícios físicos que ocorrem geralmente nos pátios do Corpo de Cadetes, e em aulas de “doutrina militar”, neste período os estagiários ainda não têm aulas na Divisão de Ensino, juntamente com os cadetes dos outros esquadrões.

Como no estudo de Castro (1990), “pressão” é a palavra mais pronunciada pelos cadetes quando se lembram desta fase de adaptação, os cadetes são constantemente “convidados” a se retirarem da Academia, os cadetes mais antigos e instrutores vivem repetindo que eles estão lá porque querem e que podem sair quando quiserem se não estiverem gostando do tratamento dado à eles.

Durante o EAD, os estagiários devem se deslocar correndo quando em grupamentos e na frente de formaturas dos esquadrões mais antigos, quando saem do rancho para o alojamento não devem correr e sim andar, mas em linha reta e em fila indiana para se deslocarem até o alojamento.

Ao final da “quarentena”, os estagiários recebem as "platinas", apresentando pela primeira vez o "grito-de-guerra" de sua turma, em uma cerimônia de incorporação dos novos cadetes da Academia. A partir deste momento os estagiários passam a serem denominados “cadetes da Aeronáutica” e são integrados à rotina da Academia.

PTM – Programa de treinamento militar.

Há duas fases distintas durante o curso na Academia, em termos de socialização, segundo os depoimentos de oficiais do Corpo de Cadetes, a primeira envolve os cadetes do primeiro e do segundo ano e é denominada "Programa de Treinamento Militar" - PTM, quando recebem uma grande carga de aulas de doutrina e instrução militar e são constantemente observados e acompanhados de perto pelos oficiais e cadetes mais antigos que avaliam suas condutas. A segunda fase é intitulada "Programa de Treinamento de Liderança"- PTL e é direcionada aos cadetes do terceiro e quarto ano, que recebem o preparo e assumem as lideranças entre eles. Seja qual for o programa vivenciado, há determinações contidas nos Boletins Doutrinários (B.D.) do Corpo de Cadetes que devem ser seguidas por todos os cadetes como:

- comparecer pontualmente a todas as instruções programadas e prestar a máxima atenção;
- cumprimentar todos os oficiais e cadetes do Estado-Maior de Cadetes prestando continência todas as vezes que os encontrar;

- ao apresentar-se para um superior, dizer claramente seu grau hierárquico, nome de guerra e função que exerce, dizer o motivo da apresentação e permanecer na posição de "sentido" até que lhe seja autorizado tomar a posição de "descansar" ou de "à vontade";
- não ausentar-se da Academia sem autorização;
- manter o apartamento e o armário em condições de serem inspecionados a qualquer momento;
- em hipótese alguma pode-se gritar desnecessariamente ou pronunciar palavras de baixo calão;
- não entrar nos alojamentos ou apartamentos do sexo oposto;
- dar preferência ao cadetes mais antigos e oficiais sempre que houver necessidade de filas;
- observar a hierarquia a toda hora dentro ou fora da Academia;

A inobservância destas determinações pode levar à conseqüências para o Esquadrão todo, com punições que variam entre uma simples advertência, "pagamentos" de exercícios físicos do cadete infrator, e até mesmo a prisão nos fins de semana - quando o cadete precisa permanecer na Academia e se apresentar de tempos em tempos para o cadete-de-dia.

Depois do EAD os cadetes são separados por “elementos” de acordo com a esquadrilha ao qual pertencem que são as turmas de aula e por esquadrão ou série. Atualmente, no primeiro ano é comum dividir o esquadrão em 4 esquadrilhas mistas (com aviadores, intendentes e infantes) e separa-los por Quadro somente a partir do segundo ano.

A cerimônia marcante para o primeiro ano na AFA é a da Entrega do Espadim, que ocorre no início de julho e marca a conquista do “símbolo do cadete da Aeronáutica”. Os cadetes do primeiro ano contam os dias que faltam para o recebimento do espadim e durante a cerimônia realizam a “abertura da asinha” – quando se movimentam em forma diante do público e das autoridades presentes se posicionando na forma do emblema do Comando da Aeronáutica – uma espada alada.

Após a cerimônia de entrega dos espadins os cadetes de todos os esquadrões são liberados para as “férias intermediárias” de uma semana, retornando à Academia para o início do segundo semestre.

Voltando à Academia, os cadetes do primeiro ano ainda são bastante pressionados a demonstrar que assimilaram as atitudes e valores próprios do cadete-da-

Aeronáutica, e até o final do primeiro ano eles serão os cadetes mais observados e cobrados de todo o Corpo de Cadetes.

Em meio ao processo de homogeneização e à tentativa de inculcar o sentimento de pertença ao grupo como superior à qualquer traço que diferencie os cadetes individualmente, surgem algumas comparações e diferenciações inevitáveis neste primeiro ano de convivência na Academia. É comum os cadetes se referirem principalmente às diferenças de gênero e às de procedência escolar quando tentam responsabilizar um ou outro marcador social pelas punições sofridas pelo grupo todo.

As mulheres são vistas pelos homens como protegidas pelos superiores, excessivamente dóceis, frágeis e delicadas, sem as características básicas para a vida militar, ou pelo menos para atuarem no mesmo “nível” dos homens que se vêem como os portadores “naturais” de todas as características inerentes à profissão militar devido ao seu sexo. Para alguns cadetes homens do primeiro ano, as mulheres se utilizam de uma suposta fragilidade para escapar às punições coletivas, seja namorando com cadetes mais antigos que as protegem, seja demonstrando fragilidade frente à pressão imposta à todos e sensibilizando os líderes com seu “jeitinho delicado”, quebrando o espírito de grupo tão cobrado neste período.

Por sua vez, as mulheres do primeiro ano se dizem excessivamente cobradas por todos os homens pelo simples fato de fazerem parte de uma minoria e estarem mais expostas às diferenciações. Assim, um erro cometido por uma mulher ganha dimensões gigantescas perto dos vários erros cometidos por vários homens. Além disso, ao se utilizarem de características inerentes ao sexo feminino, elas se dizem privilegiadas por serem mais “caprichosas”, organizadas e disciplinadas que os homens, assimilando melhor e mais rápido as atitudes e valores militares que dizem respeito à disciplina que precisaram desenvolver no primeiro ano. Em termos de relacionamento afetivo, é comum escutar de ambos os grupos, no início do ano, algo como “jamais” namorariam cadetes, principalmente os/as do primeiro ano.

Outra diferenciação de grupos entre todos os “iguais” do primeiro ano ocorre entre os cadetes que vieram da EPCAr (Escola Preparatória de Cadetes do Ar) localizada em Barbacena, MG, e aqueles que não vieram, denotando o princípio de outra diferenciação que ganha forte destaque em outros anos – a diferenciação entre os Quadros. Os cadetes que vêm da EPCAr sentem-se mais militares, mais ajustados ao cotidiano da Academia e sentem-se prejudicados por terem que “aprender tudo de novo” com aqueles que não vêm da EPCAr. Os “bequeanos” como são chamados em alusão ao

código aéreo da cidade de Barbacena – BQ – compartilham entre si uma identidade anterior comum aos que vieram da EPCAr e recorrem à “pagação de mistério”, aos episódios que eles viveram (ou inventam) na tentativa de diferenciar-se do restante do grupo e, diferenciados como “superiores”, mais militares que o restante da turma. Por sua vez, aqueles que não vieram da EPCAr, os “PQD” na gíria da Academia ou os que “caíram de pára-quedas”, que entraram para a Academia via concurso de admissão, dizem-se mais “disciplinados”, mais abertos à doutrina da Academia justamente por não trazer “vícios” ou comportamentos de uma vida militar pregressa que não são adequados ao cadete da Aeronáutica.

Em termos de “serviço” ou “função” basicamente militar, os cadetes começam a exercer a função de “chefe-de-turma” e fazem o serviço de ronda. O chefe de turma é responsável pela apresentação da turma aos oficiais, professores e cadetes mais antigos, cabe a ele anotar as faltas, as ocorrências que porventura saírem do previsto em sala de aula e informar aos cadetes do 3º e 4º anos que estiverem de serviço. O serviço de ronda é efetuado pelos cadetes do 1º que após o EAD se revezam de duas em duas horas na área do Corpo de Cadetes. Os cadetes se referem a estas atividades como as que mais “amadurecem” em termos de militarismo, pois desenvolvem o senso de “responsabilidade” apontado como outra característica inerente à profissão militar.

Geralmente, a pressão dos mais antigos vai diminuindo na medida em que os cadetes do primeiro ano vão assimilando os valores e atitudes próprias à vida militar, deixando de apresentar “alterações”.

Homens, mulheres, PQDs, bequeanos, nortistas, sulistas, aviadores, infantess e intendentess..., os oficiais que lidam com o primeiro ano relatam dificuldades de “nivelamento” que se impõem diante destes grupos sociais diferenciados e combatem a divergência entre eles através do primeiro ponto de igualdade: todos são militares e precisam sobrepor esta característica sobre as outras acima de tudo.

O segundo ano na Academia é marcado pelo questionamento da profissão militar pelos cadetes, é um ano em que eles já não são os mais modernos, não mais o alvo da ‘pancadaria’ como no primeiro ano, já assimilaram bem as regras de conduta próprias aos cadetes e não são tão cobrados e observados como no primeiro ano. São mais antigos que os cadetes do primeiro ano mas como estes estão sob a vigilância constante dos líderes do 3º e 4º anos, eles acabam se sentindo mais “subordinados” do que

gostariam e não raras vezes voltam-se para a observação da conduta dos membros da própria turma.

É comum ouvir dos cadetes do segundo ano de que eles sentem-se “desiludidos” ao descobrirem que os cadetes mais antigos que anotavam seus erros e faltas que se transformavam nas punições e corretivos vividos no primeiro ano, também cometem os mesmo erros e faltas, são tão humanos quanto eles e isto parece desabar a imagem de perfeição e admiração dos cadetes mais antigos que eles nutriam no primeiro ano:

Cad 1 – Os caras que começam o terceiro ano querem mostrar serviço também e “façam” todo mundo, nas férias, um cara falou assim prá um amigo meu: “-pô, agora o meu comando vai ajudar a apertar vocês e a gente vai ter que apertar todo mundo, pô, agora se eu pegar alguém dormindo em sala eu vou anotar.” E o meu amigo: “-pô, mas tu dorme prá caramba!” E eles: “- eu durmo, mas eu tenho que anotar! Não é porque eu durmo que eu vou deixar de anotar quem dorme!” Pô, professora, prá quê isso?

Cad 2 – a coisa mais triste aqui é pegar alguém errado, pô todo mundo é ser humano.(Cads Ints)

Os cadetes do segundo ano vivenciam o Programa de Treinamento Militar Avançado em que estão sujeitos aos mesmos tipos de punições que os cadetes do primeiro ano, isto é, todos pagam pelo erro de alguns e em que ainda não podem escolher os companheiros de alojamento. Os cadetes são divididos em apartamentos com menos pessoas, cinco ou seis, de diferentes Quadros, o objetivo ainda é o de promover a união entre os diferentes através dos alojamentos já que os Quadros começam a ganhar contornos específicos. Neste ano, são comuns os questionamentos a respeito da rotina imposta:

Cad 1- O problema é que aqui, 90% das coisas que eles fazem aqui não tem necessidade , não é pensado, é coisa que vem de 30 anos atrás, mas eles não mudam porque ninguém chega lá e... pô, eles sabem que aquilo tá errado, eles já foram cadetes, sabem que tem coisa que não leva a nada, aí vira o oficial e: “-tá certo.” Pô, não tá certo, eles sabem disso. Por exemplo, quem é atleta deveria dormir mais cedo prá chegar na prova bem preparado e descansado, voltar mais cedo e dormir 10 horas de sono, ter um sono bom prá de manhã entrar na prova prá quebrar o recorde, mas ele fala: - não, não pode dormir no expediente, vocês têm que aprender que no expediente não se dorme, não sei o quê... (Cad.Int.)

No segundo ano, as disciplinas técnico-especializadas começam a tomar espaço na rotina dos cadetes, os aviadores se preparam para as aulas de vôo no 2º Esquadrão de Instrução Aérea - 2º EIA, os infantess começam suas instruções de “patrulha” que ocorrem em áreas de mata fechada da Academia e se deslocam para outras localidades

para realizarem atividades específicas de operações helitransportadas e “montanha”, e apenas os intendentes mantêm uma rotina na Divisão de Ensino semelhante àquela do primeiro ano.

É no segundo ano que os diferentes Quadros adquirem contornos próprios e os cadetes começam a perceber que são mais diferentes do que iguais neste aspecto. Os cadetes dos diferentes Quadros começam a valorizar as atividades específicas à cada curso e portanto não comum à todos. Realizando diferentes tipos de atividades, os cadetes compartilham um mundo novo de símbolos, linguagens e condutas com outros militares de seu Quadro e as diferenças se evidenciam entre o esquadrão.

As instruções de voo para cadetes aviadores ocorrem concomitantemente às aulas do ensino científico na Divisão de Ensino e passam a ser sua prioridade visto que três avaliações de “voo deficiente” levam ao julgamento pelo Conselho de Desempenho Acadêmico, sendo motivo do maior número de desligamentos da Academia.

O segundo ano na Academia é visto como desmotivador para muitos cadetes, pois segundo eles, é neste período que descobrem que o universo militar não é tão perfeito como eles pensavam que fosse no primeiro ano. Os cadetes descobrem as diferenciações no meio do universo que eles aprenderam a se igualar no primeiro ano e a descoberta incomoda.

Estas situações de divergências ou diferenças não são rígidas e muito menos imutáveis, elas ficam bem diluídas em situações como a Interfa, a Navamaer, os exercícios de campanha até mesmo em situações lúdicas entre os cadetes, como as festas do esquadrão, em que todos voltam a compartilhar do mesmo objetivo: tornar-se militar.

Em termos de “serviço”, os cadetes do segundo ano continuam os revezamentos de chefe-de-turma, deixam de fazer a “ronda”, destinada aos cadetes do 1º ano, e começam a exercer a função de “permanência a sala do Cadete-de-Dia”, isto é, após as 22:00 hs a equipe de serviço do Cadete-de-Dia (formada por cadetes do 3º e 4º anos) se recolhe e um cadete do 2º ano é quem fica na sala exercendo a função do Cadete-de-Dia. Eles se revezam de duas em duas horas nesta função que é vista pelos oficiais como uma preparação para as funções de chefia e liderança que eles assumem no 3º ano, quando começa o PTL.

PTL – Programa de Treinamento de Liderança

O terceiro ano começa com muitas novidades em termos de formação militar. Os cadetes vivenciam o Programa de Treinamento de Liderança Básico em que alguns são designados líderes de elemento e passam a trabalhar com grupos de cadetes do primeiro ano e todos passam a exercer funções de auxiliares ao Cadetes-de-Dia (ao Corpo de Cadetes e aos comandos do 1º, 2º e 3º esquadrões). Os cadetes do 3º ano não têm mais líderes de elemento que os oriente pois eles mesmo já fazem parte do programa de liderança.

Ao final do segundo ano, todos os cadetes que se interessam em exercer liderança de elemento devem manifestar seu desejo no final do segundo ano para participar do EAD do ano seguinte, auxiliando os cadetes do 4º ano. A escolha dos cadetes que querem participar da Cadeia de Comando do ano seguinte é feita de acordo com a indicação dos companheiros de turma, dos conceitos militar e acadêmico que são verificados pelo comando do esquadrão. Estes líderes de elementos são os cadetes que vão emitir orientações sobre a rotina diária na Academia aos cadetes do primeiro ano. Os líderes de elemento são subordinados aos líderes de esquadrilha do 4º ano e assim que assumem suas lideranças, passam a fazer parte da “temida” Cadeia de Comando dos Cadetes.

Os cadetes que participam do EAD e exercem a função de líderes de elemento com os estagiários e cadetes do primeiro ano relatam este ano como inesquecível, é a oportunidade que eles têm de não repetir o que eles não gostavam no primeiro ano. É quando eles “passam para o outro lado” e são estimulados a “amadurecer” mais:

O terceiro ano foi bom no sentido que a gente passa do outro lado e tenta não repetir as coisas que a gente não gostava dos cadetes mais antigos. Você passa a ter mais responsabilidade porque aquele cadete do primeiro ano tá acreditando em tudo o que você fala, porque a gente já foi do primeiro ano e sabe que é assim, os cadetes idolatram os líderes e a gente tem que ter responsabilidade sobre o que fala e faz com eles. Esse também foi o ano em que eu me dediquei mais aos estudos, porque eu acho que aqui no Corpo de Cadetes eles confundiam você ter boas notas com a sua capacidade de liderança e eu particularmente discordo disso, eu acho que são duas coisas bem distintas. Sempre foram os “zero-zero” que foram líderes de tudo. Então como eu gostaria de exercer liderança no quarto ano, eu estudei bastante prá compensar essa falha, porque eu considero uma falha isso de tirar notas boas e exercer liderança. (Cad Int)

Mesmo os cadetes que não assumem as lideranças de esquadrilha se vêem em novas funções que marcam a formação militar e a maioria vê o terceiro ano como o “melhor” na Academia. Na fala de um cadete de Infantaria:

No terceiro ano o que eu gostei mais, foi que a gente passou a tirar o serviço de auxiliar, então tem o cadete de dia ao Corpo, tem o auxiliar ao cadete de dia e tem o cadete de dia aos esquadrões, e a partir do terceiro ano a gente tira o serviço de auxiliar, a gente passou a comandar, passou a ter uma responsabilidade bem grande. Porque o oficial cobra: “- eu quero o esquadrão à uma e meia no cinema, fala prô pessoal levar lápis, caneta, caderno.” O cadete de dia fala assim: “- auxiliar, tá contigo, porque eu vou dormir, vou almoçar, vou não sei o quê... vou estar em todos os lugares menos com você!” (risos) E a gente é que comanda o esquadrão.

Um ano de mudanças bruscas, relevantes, em que eles “têm mais tempo”, não são tão observados pelos oficiais que “estão de olho” no trabalho do 4º ano e nem sob os olhos destes, que estão preocupados com o primeiro e o segundo ano. Um ano de muita responsabilidade no que tange às novas funções e também em relação à assimilação dos valores e atitudes militares, como o cadete do terceiro ano participa do PTL, aquele que for “pego no erro” deverá arcar sozinho com as conseqüências (punições) deste ato sem envolver a turma em corretivos como ocorre no primeiro e segundo ano.

Segundo a maioria dos cadetes, é no início do terceiro ano que as diferenciações encontram seu ápice entre os cadetes de uma mesma turma, isto ocorre principalmente porque cada Quadro tenta valorizar mais o que faz, o que sabe de diferente dos outros e as comparações e brincadeiras são inevitáveis neste período e as mais comuns são as piadas de que o aviador pensa que é “o melhor”, o “bonzão”, “*top gun*”; que o intendente não possui “perfil militar”, vai ser o “funcionário público gordo”, “sempre com o carro do ano”; e que o infante é o “comedor de grama”, o “ralador”, o “malhado” da turma.

Além da comparação e diferenciação entre os Quadros, o início do terceiro ano também é marcado pelas rivalidades entre homens e mulheres de uma mesma turma, talvez neste caso, o comportamento de comparação e diferenciação ocorra principalmente devido à disputa pela classificação e pela função de liderança de elemento que se inicia no final do segundo ano quando os cadetes são escolhidos para participarem do EAD do ano seguinte e durante todo o terceiro ano.

No decorrer do terceiro ano, no entanto, como a convivência de todos volta a ser na Divisão de Ensino e no Corpo de Cadetes devido à liderança e aos serviços de auxiliares de cadete-de-dia e com a aproximação do quarto ano, é comum os cadetes retomarem sua identidade de turma, de esquadrão, principalmente na Interafa, na

Navamaer e no Exec-3 onde todos precisam de todos para obter um bom resultado no exercício de orientação proposto, onde o sucesso do grupo depende de sua união.

O quarto ano da Academia é descrito pela maioria dos cadetes como o “mais esperado”, e o “mais tranquilo” em termos de divergências com os demais esquadrões, com os companheiros de Quadros diferentes e com as cadetes. Os cadetes do 4º ano dividem os apartamentos com pessoas que eles mesmo escolhem, e passam a usufruir de facilidades não permitidas às demais séries como por exemplo, possuir geladeiras nos quartos e não precisar mais tomar o café da manhã no rancho com os demais, muitos deles se referem à mudança para o prédio de apartamentos que fica em frente ao pátio do Corpo de Cadetes como a “conquista do Olimpo”.

É no último ano da Academia que o cadete vive o “Programa de Treinamento de Liderança Avançado” em que ele precisa demonstrar “responsabilidade” e “maturidade” acima de tudo. Aqui ele já não tem mais líderes de esquadrilha para acompanhar suas turmas de aula, pois supõe-se que já desenvolveu o espírito de corpo e outras atitudes fundamentais à profissão militar.

O quarto ano é marcado por funções de comando exercidas por todos os cadetes, mesmo por aqueles que não fazem parte da Cadeia de Comando do Corpo de Cadetes. Para vários cadetes, este é o ano mais corrido, principalmente para os aviadores que voltam a ter instruções de vôo e devem solar a aeronave T-27 e passar por todas as etapas que esta nova atividade exige, acumulando funções de liderança ou serviços de comando.

A igualdade tão estimulada no início do curso parece retornar ao final do curso, diluindo as diferenças:

A rivalidade que marca os esquadrões ocorre mais no segundo e no terceiro ano, porque o quarto ano começa a exercer liderança, passa a ter contato com muita gente de todos os esquadrões e acaba vendo que o negócio não é por aí, de ficar cultivando rivalidades. (Cad Int)

Com relação às mulheres, é no quarto ano que os homens conseguem vê-las como cadetes, como companheiras de turma:

O relacionamento com as cadetes mudou muito, as conversas passaram a ser muito mais abertas em termos de expor problemas sobre situações, de confiar mesmo. Chegou num ponto em que eu conversando com uma cadete eu coloquei que eu era contra a mulher estar aqui porque mulher é mais delicada, feminina, e às vezes eu olhava elas carregando mochilas, usando boot e não concordava muito com aquilo, achava errado. E ela: - mas, pô, a gente gosta! Então a gente passou a conversar de coisas que no primeiro ano a gente nem imaginava. A gente conversava

abertamente, antes a gente tinha muito medo de brincar com as garotas com medo delas levarem prô comando e eles verem alguma coisa de assédio sexual nas nossas brincadeiras, pôxa eu acho que elas amadureceram muito e a gente também nesses quatro anos. (Cad Av - 4º ano)

Em termos de atitudes e valores militares, alguns cadetes afirmam que no quarto ano os valores e capacidades militares já estão tão sedimentados que eles agem de acordo com eles automaticamente:

Quando a gente tá no 1º ano, a gente fala que vai fazer tantas “doideiras” quando chegar ao 4º, mas quando a gente chega, vê que assimilou um pouco desse negócio de disciplina inconsciente, porque a gente tem muitas oportunidades de fazer coisas erradas e a gente não faz, a gente aprende, a coisa fica inculcada na cabeça da gente, e a gente tem que dar exemplo, a gente muda muito, amadurece. (Cad Av)

Os cadetes do quarto ano vivenciam também um processo denominado “re-socialização” que visa sua adaptação à sociedade civil quando saírem da Academia como aspirantes, é evidente a preocupação dos oficiais para que se adaptem ao mundo civil de onde chegaram tão diferenciados e para onde devem voltar diferenciados agora iguados pela identidade profissional que formam na Academia.

Nas semanas que antecedem a formatura, os cadetes do quarto ano realizam a passagem de comando do Estado Maior do Corpo de Cadetes e da Cadeia de Comando aos cadetes do terceiro. Após todos os aviadores terem solado o T-27, geralmente uma semana antes da formatura, os cadetes aviadores recebem o brevê de conclusão do curso de piloto militar e os intendentes e infantess recebem os brevês de conclusão dos cursos de Intendência e de Infantaria da Aeronáutica no pátio do Corpo de Cadetes. Depois desta cerimônia os cadetes do quarto ano passam a ser chamados “aspirantes” e aguardam a tão esperada cerimônia de entrega das espadas de oficiais, em que aeronaves T-27 sobrevoam o Corpo de Cadetes anunciando o tão esperado dia em que são declarados oficialmente “Aspirantes-a-oficiais”.

Identidade: militares

As diferenças entre homens e mulheres parecem se diluir à medida em que os/as cadetes descrevem como é “ser militar”, sem recorrer tanto às diferenças geradas pelo sexo e quais são as atitudes, as condutas adotadas e valorizadas pela maioria dos cadetes entrevistados em termos da profissão militar.

Alguns cadetes questionam a possibilidade de avaliar, através da disciplina se uma pessoa de fato assimilou os valores da profissão militar ou se apenas “aparenta” uma postura militar com o objetivo de “garantir um emprego”:

A disciplina mesmo não tem como avaliar se a pessoa tá sendo disciplinada porque ela entendeu o espírito militar ou porque tem medo das conseqüências. Tem uns 60 % que não estão nem aí pró militarismo, que só querem se formar e garantir o seu emprego, são os que a gente chama de fox-mike, os “falsa-moral” (risos). Cad Int

A maioria dos cadetes aponta para o lado mais negativo das instituições fechadas como as militares – a falta de privacidade e a boataria. Vejamos como isso é comentado através do relato de dois cadetes:

Um grande problema que eu vejo na Academia é que a gente não tem privacidade, tem sempre alguém falando da gente, falando da nossa vida, fazendo brincadeira. Tem sempre alguém julgando a tua atitude e tentando denegrir a tua imagem, entendeu? Às vezes é por brincadeira mas acaba influenciando o grupo, se acham no direito de invadir a sua privacidade e isso aí é uma coisa que eu sou totalmente contra. (Cad Av)

O grande problema que existe na Academia em termos de relacionamento é o boato, que é essa coisa do teatro que você não sabe quem começou a falar, se realmente aconteceu... Isso atrapalha qualquer relacionamento na Academia. Então até o relacionamento mulher com mulher, mulher com homem, homem com homem é difícil por causa disso. Porque aqui eles se preocupam muito com a vida dos outros, a gente fica tão presa aqui dentro, que quando a mente tá vazia, tem que se preocupar com alguma coisa, com o quê não importa. (Cad Int mulher)

Alguns cadetes ressaltam a mobilidade geográfica, a questão da adaptação aos diferentes ambientes, a pressão psicológica inerente ao combate e o espírito de corpo que compõem a identidade militar. Na fala de um deles :

Eu vou viver me mudando, por esses rincões de Brasil, a gente sempre vai ter uma característica de adaptação ao meio que a gente estiver. Hoje eu estou em Pirassununga, no ano que vem estarei em Natal e há pouco tempo atrás eu estava em Barbacena, então a questão é adaptativa. A grande lição que eu vou levar é a questão de adaptação, de aprender a convivência com meus colegas aqui na AFA. E tem a pressão psicológica, a maior, o vôo militar é uma coisa totalmente nova, de combate, a gente vai estar exposto o tempo todo. Tem também o espírito de corpo, nós temos um grande corporativismo aqui, a gente sai em grupo, anda em grupo...(Cad Av)

Através do depoimento de um cadete intendente, somos informados de que “ser militar” pressupõe liderança e está acima da diferença entre os Quadros:

A gente tem que exercer liderança dentro de um parâmetro, do militarismo, pôxa, tem coisas que eu trago de organização, de ser rápido nas atividades, que eu aprendi no primeiro ano. Eu sou militar, eu preciso saber atirar, isso tá acima de qualquer Quadro! O aviador não veio aqui só prá voar, ele veio prá cá prá ser militar... Ser militar é saber ouvir seus subordinados, mas também tem que saber se impor, saber cobrar. Na posição de oficial o cara tem que ser “exemplo” prôs subordinados, moral, tudo, até na vestimenta, o cara tem que estar com o uniforme limpo, bem passado, quando o cara não é “padrão”, até o graduado fala, então é importante o oficial ser exemplo, não gaguejar prá apresentar a tropa, não “bisonhar”.

Uma cadete intendente enfatiza a consciência que todos os militares devem ter sobre sua participação de risco em defesa da nação e sobre atentar para a retidão de caráter, visto que as Forças Armadas são mantidas à custa dos cofres públicos:

Eu acho que o militar tem que ter consciência do serviço que ele tem que prestar prá nação, essa coisa de que realmente se acontecer alguma coisa você vai estar em risco pela nação. Fora isso, considerando que o Brasil tem boas relações externas, fazer o certo. Porque, por exemplo, o caso daquele oficial que transportou droga é uma coisa que me envergonha, sinceramente, eu tenho vergonha desse militar, dele ter chegado no posto que ele chegou, por ele ter passado tantas coisas em serviço, ainda ter um caráter desses. Isso não só o militar, deveria ser geral, mas eu acho que principalmente o militar tem que ter consciência, né? Tudo o que a gente tem é sustentado pelo orçamento da União, pelo tesouro nacional que é devido a uma custosa tributação da população. (Cad Int 4º ano)

O compromisso com a Pátria e a função social da Força são enfatizados por um cadete aviador que também se utiliza da diferenciação com os civis para identificar a profissão militar:

O compromisso próprio do militarismo é a questão da defesa da Pátria, porque tem gente que esquece, que entra aqui com tanta vontade de ser piloto que vai só por esse lado, mas você... como é que eu posso explicar? Eu acho que a gente se diferencia dos demais (civis) porque a gente aqui (na Academia) procura seguir uma profissão e não um emprego, a gente se forma e não vai ganhar muito dinheiro. Tem esse compromisso com a bandeira, com o país, os militares têm muito isso de querer ajudar o país, o pessoal vai levar alimento nas regiões de enchentes, acontece muito na Amazônia, onde tem índio morrendo e o pessoal vai de avião à noite, busca o cara no meio do mato, tira ele de lá, é um ideal, essa é a diferença, o ideal e a seriedade com que você leva o curso. Porque aqui, eu não digo a DE, mas em vôo, o sistema te obriga a levar a sério porque quem não leva a sério o vôo, quem não se dedica é mandado embora. (Cad Av 4º ano)

Não são poucos os cadetes que recorrem à comparação e à diferenciação com o meio civil para ressaltar os contornos da profissão militar como podemos acompanhar através dos trechos selecionados das entrevistas:

Quem tá se formando em faculdades aí fora (mundo civil) não têm alguém acompanhando prá que eles se comportem de uma certa maneira, eles não são direcionados, eles estão à mercê dos acontecimentos ali, agora aqui não, aqui a gente tem alguém direcionando prá sair do jeito que tem que ser o militar. A mentalidade também é diferente, por exemplo, se você falar do Brasil, o pensamento lá fora é sempre de apedrejar, de criticar, aqui dentro a gente procura trabalhar mais prá melhorar o que tá errado. Isso faz parte da doutrina que a gente recebe aqui, todo dia tem paradão, tem o hino, a bandeira e a gente acaba desenvolvendo o amor à Pátria. (Cad Av)

A maior diferença entre a gente e os caras que fazem faculdade (no meio civil) é a responsabilidade, aqui também a gente não tem tempo prá nada. O cara que se forma na faculdade não é instruído, não falam prá ele sobre valores, ele só tem a formação profissional, na faculdade, os valores que eles têm são os valores que eles trazem de casa, que a sociedade que o formou passa prá ele. Os valores daqui, 80% é de casa, só que aqui o pessoal dá mais ênfase a certos valores como a responsabilidade, a honestidade, a camaradagem, parece que lá fora é um querendo passar a perna no outro e aqui tem mais respeito. (Cad Av)

O depoimento deste cadete intendente revela que ao final, a formação da identidade militar depende do esforço individual de cada um em superar identidades pressupostas, e iniciar um processo de reflexão sobre as experiências vividas como cadetes na Academia. Ele prefere fazer comparações entre os próprios militares, entre o profissional que consegue “transformar-se”, “tornar-se militar” e aqueles que “passam” pelos quatro anos de formação esperando que os outros o façam por ele e saem completamente “despreparados”, ou seja, como entraram:

Aqui é muito importante você ler, conversar com o pessoal fora da sua turma, porque às vezes a turma tem uma identidade que se você ficar bitolado naquilo ali, você não pode evoluir, participar da liderança, participar da Sociedade (SCAer), participar de várias atividades que tem aqui no Corpo, acho que no mínimo você tem que prestar atenção na aula já que depois você vai ter que passar a sua experiência, uma escola de formação é onde você aprende a refletir, não é só uma coleta de dados que você faz, você tem que trabalhar os dados, e quanto mais ambientes você trabalhar, mais experiências você vai ter. Tem gente que sai daqui cru, não sabe “nada”, é como tivesse só o que é dado no primeiro ano, noções de hierarquia, essas coisas. Agora tem aqueles que já saem “miojo” bastam só três minutinhos lá fora e já ficam prontos

Aqui muitas vezes tem cadetes que só querem “cumprir tabela”, a aula, a educação física e saem como entraram.

Então às vezes o cara sai daqui falando: pôxa, a Academia não forma nada! E eu digo: -Você é que não se formou!

Acho que tem que se transformar, melhorar, principalmente saber conduzir algumas mudanças, tem que saber dialogar, saber explicar, precisa estudar, precisa procurar fazer todo mundo remar prô mesmo lado, saber coordenar. Acho que há muita falta de desenvolver a reflexão nas pessoas aqui dentro, não apresentar regulamentos e boletins doutrinários do que a gente tem que fazer, mas porquê que tem que fazer. Porque a gente vê muitos oficiais que saíram daqui sem refletir, a gente vê oficiais que não sabe o porquê, não sabe qual a linha de pensamento do superior e fica nervoso e te dá estrela – uma punição que a gente tem das estrelas - e não sabe nos explicar o porquê da própria profissão. A partir do momento em que você passa a refletir, você desenvolve várias características desejadas na nossa profissão: profissionalismo, ética, moralidade em algumas atitudes.

Em 2005 o primeiro ano iniciou o ano letivo com 215 cadetes brasileiros, 173 da Aviação (03 mulheres), 33 da Intendência (18 mulheres) e 9 de Infantaria. As aulas do primeiro ano na Divisão de Ensino são voltadas para o Curso de Administração, sendo poucas as aulas do ensino técnico especializado. Não há dados suficientes para tecer alguma conclusão sobre a participação das mulheres no Curso de Formação de Oficiais Aviadores e as conseqüências que a implantação do Curso de Administração trouxe à formação na AFA.

As questões aqui levantadas indicam que todos estes papéis vivenciados pelos cadetes na Academia através da comparação ou contraste entre o próprio grupo e outros grupos, constituem as múltiplas identidades que os cadetes vivenciam no processo de formação na Academia. Entretanto, a comparação e diferenciação fundamental, que faz emergir a identidade militar comum aos cadetes, consiste na oposição entre militares e civis, e na oposição entre militares e “inimigos da Pátria”, brasileiros e estrangeiros. Esta constatação confirma a tese de Castro realizada na AMAN de que a comparação e oposição entre militares e civis ou entre os “inimigos da Pátria” é o que define o “espírito militar” e revela-se fundamental no sistema de orientação que ajuda o cadete a definir sua posição de militar na sociedade, é o que permite ao cadete sentir-se como militar e se identificar com a profissão.

Referências Bibliográficas

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade – Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda, 1974.

CASTRO, Celso. *O Espírito Militar – Um Estudo de Antropologia Social na Academia Militar das Agulhas Negras*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1990.

JURBERG, M.B. “Individualismo e Coletivismo na Psicologia Social: uma questão paradigmática”. In Campos, R.H.F. e Guareschi, P.A. (orgs) *Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva latino-americana*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LANE, Sílvia M.T. “ A Psicologia Social e uma Nova Concepção do Homem para a Psicologia – in Lane, S.M.T. e Codo, W. *Psicologia Social – O Homem em Movimento*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

SANDOVAL, Salvador. “O que há de novo na Psicologia Social Latino-Americana?” in Campos, R.H.F e Guareschi, P.A. (orgs) *Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva latino-americana*. Petrópolis: Vozes, 2000.